

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Fevereiro 1992



NESTE NÚMERO

2 Tu

Por Paulo Machado

3 Colégio Adventista de Lisboa

Por J. Morgado

5 Para Além do Desapontamento

Por Hans K. LaRondelle

8 Escola Sabatina: De volta às nossas Raízes

Por J. Lynn Martell

10 Alexandre e a Cobra Mamba

Por Laurie Denski-Snyman

11 Ser Dona de Casa: Qual o melhor plano a seguir?

Por Nancy L. Van Pelt

14 O Trabalho do Lar

Por Ellen G. White

15 Notícias

PENSAMENTO DO MÊS

«Ensina a criança no caminho em que deve andar, e mesmo quando for velho não se desviará dele.»

Provérbios 22:6

JANELA POÉTICA

TU

SENHOR!

Tu que habitas no íntimo de cada um,

Tu que pareces estar escondido

mas que surges como um alvorecer,

Tu que amas sem nada pedir em troca,

Tu que perdoas sem jamais seres perdoado,

Tu que escolhes os momentos mais belos para falar comigo,

Tu que me entendes

mesmo quando as minhas palavras não soam a realidade,

Tu que falas com um simples olhar na Natureza,

Tu que não morres e me queres perpetuar,

Olha, Senhor!

Olha para as minhas mãos

que, marcadas pela desventura,

clamam às Tuas.

Olha, Pai!... E faz-me sorrir

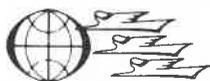
para Te poder sentir...

Olha Pai!... E habita em mim.

Paulo Machado

Igreja de Almada

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Fevereiro de 1992 - Ano L • N.º 539

DIRECTOR:

J. Morgado

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Joaquim Bonifácio, 17

1199 Lisboa Codex

Telef. (01) 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual

950\$00

Número Avulso

95\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.

Vale Travelho • Pedreiras

2480 Porto de Mós

Telef. (044) 402413

Fax: (044) 401575

Depósito Legal n.º 2705/83



Colégio Adventista de Lisboa

Logo após a abertura proporcionada por uma nova situação política em Portugal, os então dirigentes da União Portuguesa acharam por bem estabelecer um colégio adventista em Lisboa, comprando as quotas da sociedade proprietária do Colégio Infanta Dona Joana, que se instalara num edifício alugado, na Rua de Ponta Delgada, n.º 1, em Lisboa.

Parte da oferta do 13.º Sábado do 1.º trimestre de 1992 será destinada à reconstrução da Escola Adventista de Lisboa



Fachada da Escola de Lisboa



Terraço-recreio da Escola



Parte do Ginásio

Ao longo dos anos, verificou-se a impossibilidade de aumentar o número de alunos e tornar assim mais equilibrado o orçamento escolar. Havia, no entanto, um primeiro passo a dar: a compra do edifício. Foram longos os contactos com o proprietário, mas em 1984 foi possível chegar a um acordo e fazer essa aquisição.

À compra desse edifício estava ligada a ideia de remodelação, e até de ampliação, o que iria permitir, finalmente, aumentar o número de alunos.

Os planos começaram a ser pensados e um “mealheiro” começou a ser feito. Depois da compra do edifício, partíamos novamente do zero. É bom lembrar àqueles que são capazes de fazer as coisas rapidamente que o nosso mealheiro não cresceu tão depressa como nós queríamos.

Embora a situação do edifício se degradasse cada vez mais, não era possível avançar tão depressa quanto o necessário e tiveram de ser feitas algumas obras de beneficiação, as estritamente necessárias.

Entretanto começou a ser elaborado um plano para o novo edifício,

o qual foi entregue na Câmara Municipal de Lisboa.

O caminho percorrido dentro da Câmara foi moroso, embora tivéssemos alguém que o ia acompanhando. Depois de algumas alterações, foi aprovado. Aguardamos, no entanto, neste momento, o último ponto para podermos construir. Esperamos ultrapassá-lo também.

Nestes últimos anos começaram a surgir algumas vozes que diziam que deveríamos construir o colégio nos arredores de Lisboa, num terreno com melhores condições e maiores espaços. De uma pesquisa que se fez, chegámos à conclusão que os preços dos



Refeitório



Salas de Aula



Na Cozinha

terrenos dentro de uma área conveniente eram incomportáveis para o nosso orçamento. Estamos neste momento fazendo as últimas diligências para uma resolução final.

Devido à nossa insistência junto da Divisão Euro-africana, para colaborar nas despesas de remodelação da Escola, foi finalmente acordado que um terço do excesso da Oferta do 13.º Sábado, de Março de 1992, seria para beneficiar o Colégio Adventista de Lisboa.

Compete agora a cada um de nós fazer com que essa oferta possa ultrapassar tudo o que foi feito no passado. É necessário que façamos uma oferta de sacrifício no Sábado 28 de Março de 1992.

Em todas as igrejas e grupos, é preciso que nos Sábados que vão até ao fim de Março se incentive o propósito que temos em vista.

Talvez perguntemos por que razão uma escola num edifício degradado conseguiu manter um ensino que os pais apreciam e buscam. Isso deve-se ao espírito abnegado dos nossos professores e dos responsáveis nestes últimos anos.

É, pois, necessário que a oferta do dia 28 de Março de 1992 seja realmente extraordinária para permitir que esta escola seja reconstruída, proporcionando melhores instalações a quem ensina e a quem estuda.

Esperamos que todos possam fazer, com sacrifício, a sua parte.

J. Morgado

Presidente da União Portuguesa



UM POVO DE
PROFECIA

PARTE 1

Para além do Desapontamento

As Bases Proféticas do Adventismo

Só poderemos olhar para o futuro com confiança se nos lembrarmos da integridade profética das nossas raízes espirituais. O Dr. Hans LaRondelle, numa série de oito artigos, que começamos no presente número, leva-nos às nossas raízes proféticas e também à consumação do tempo. Esperamos que estes artigos, publicados primeiro na Adventist Review, nossa congénere mundial, constituam uma bênção para os nossos irmãos e que estes os possam partilhar com outros.

As raízes históricas e teológicas da Igreja Adventista do Sétimo Dia encontram-se no movimento Millerita dos anos de 1830 a 1840.

William Miller era um lavrador baptista que viva em Low Hampton, no estado de Nova Iorque. Através de um estudo intensivo dos livros de Daniel e Apocalipse, que começara em 1818, ele concluiu que Cristo devia regressar à terra “por volta do ano de 1843”. Sentiu então uma profunda responsabilidade de avisar o povo para se preparar para encontrar o Senhor.¹

Uma passagem-chave para Miller era Daniel 8:14: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado.” Aceitando as regras comuns de interpretação profética do seu tempo, especialmente o “princípio de ano-dia”², Miller chegou à conclusão de que os 2300 dias da visão de Daniel 8 representavam 2300 anos literais. E tomando como ponto de partida a data para o começo dos 490 anos em Daniel 9:24-27, a saber, 457 a. C.³, as suas contas deram que o período de 2300 anos terminaria em 1843.

Miller acreditava que o santuário mencionado em Daniel 8:14 era o “santuário espiritual” do universo inteiro, ou a igreja, da era cristã. Consequentemente, concluiu que em 1843 Cristo haveria de voltar para purificar a terra das abominações papais através do fogo do juízo divino.⁴

O princípio básico de interpretação profética de Miller derivava do Velho Testamento.⁵ Ele rejeitava a crença popular, tanto em Inglaterra como na América, de que o povo judeu haveria de voltar à Palestina como cumprimento da profecia bíblica. Tais expectativas futurísticas baseavam-se na aplicação literal do termo *Israel* (no Velho Testamento) apenas aos Israelitas étnicos. Este princípio

de absoluto literalismo em interpretação profética, o futurismo, tornara-se característico do Protestantismo europeu e americano.⁶ Miller preferiu reintroduzir a velha interpretação protestante centrada em Cristo, quanto a *Israel* na profecia, a qual via no centro das profecias bíblicas do tempo do fim os verdadeiros crentes cristãos (e não apenas os judeus como tal).

Mas além disso, Miller dava grande realce à iminente volta de Cristo, como tendo lugar antes do Milénio, ênfase essa que gerou grande controvérsia com aqueles Protestantes que (como Charles Finney) adoptavam o pós-milenismo, a teoria de que Cristo voltaria depois de um milénio de paz mundial. Todavia, o ponto de ruptura com as igrejas institucionais surgiu com a afirmação de Miller de que a segunda vinda de Cristo ia ter lugar em 1843 ou 1844; e, de modo ainda mais terrível, com o seu subsequente foco num dia definido (22 de Outubro de 1844) como a data do Advento. Os resultados tiveram grande repercussão. Como declara W. L. Emmerson, “Cerca de 100.000 pessoas foram expulsas ou irradiadas das suas igrejas, e começaram a organizar-se como Igrejas Adventistas, dedicadas à proclama-

Hans K. LaRondelle

ção da volta iminente e pessoal de Cristo.”⁷

Emerge o Sólido Fundamento

As seis Conferências Sabáticas de 1848, nos estados de Nova Inglaterra e Nova Iorque, criaram uma plataforma doutrinal comum para o movimento que começava a emergir de toda essa situação. Dois dos dirigentes dessas conferências eram Joseph Bates (1792-1872) e James White (1821-1881). Bates dava grande ênfase à Lei e ao Sábado, enquanto White se centrava no significado da mensagem do terceiro anjo de Apocalipse 14:9-12, como sendo a “mensagem do selamento”. Um outro dirigente, Hiram Edson (1806-1882) realçava a tipologia da antiga purificação do santuário de Israel. Para ele, isso explicava a razão porque Cristo não regressara em 22 de Outubro de 1844 e também o que de facto acontecera nessa data. Para Edson, 1844 assinalava a entrada de Jesus na fase final do Seu ministério de intercessão no céu. As conferências Sabáticas de 1848 estabeleceram cinco importantes marcos doutrinários do Adventismo do Sétimo Dia, tratando não de minúcias proféticas, mas de princípios fundamentais da fé:

1. A segunda vinda de Cristo.
2. A obrigação de se guardar o Sábado do sétimo dia.
3. A mensagem do terceiro anjo na sua plenitude, em correcta relação com as mensagens do primeiro e segundo anjos.
4. O ministério de Cristo no santuário celestial, especificamente desde 1844, como antítipo do antigo Dia da Expição no Lugar Santíssimo.
5. A não imortalidade da alma.⁸

Desde 1848 estas cinco doutrinas básicas têm constituído a “sólida plataforma inamovível” em que todos os adventistas estão unidos como a igreja remanescente.⁹

Afirmando a Conexão Millerita

O movimento Adventista do Sétimo Dia foi o resultado directo do movimento do Advento conduzido por Miller. James White, Joseph Bates e Hiram Edson tinham sido líde-

res e promotores no movimento Millerita. Do mesmo modo o fora Ellen Harmon (1827-1915), que em 1846 se tornou esposa de James White. Eles consideravam-se como os verdadeiros sucessores de William Miller e trabalharam de 1844 a 1851 exclusivamente para levarem os seus antigos associados no movimento Millerita a uma mais avançada compreensão da verdade profética. Esperavam assim reavivar a expectativa de um Advento iminente, que era o centro da mensagem de Miller. No primeiro número da *Review and Herald* (1850), estes pioneiros da Igreja Adventista apelaram enfaticamente para os escritos do movimento Millerita a fim de provarem este ponto.¹⁰

O proeminente pioneiro e erudito adventista Uriah Smith (1832-1903) dizia que os Adventistas do Sétimo Dia eram os únicos crentes no Advento desde 1844 “que aderem aos princípios originais de interpretação sobre os quais todo o movimento do Advento foi fundado, ... os únicos ... que continuam esse movimento para os seus lógicos resultados e conclusões.”¹¹

Assim, em vez de procurarem distanciar-se do movimento Millerita, os nossos pioneiros procuravam confirmá-lo, incluindo o Grito da Meia-Noite de 1844, como o cumprimento autêntico da profecia bíblica. De modo particular, eles achavam que Apocalipse 10 fora cumprido no movimento Millerita. Esse capítulo descreve a visão de João em que este passa pela experiência de provar a *doçura* do “livrinho” aberto na mão do poderoso anjo, a qual é imediatamente seguida pelo seu sentimento de desapontamento e *amargor*. Eles aplicavam isto à doce esperança, que fora seguida pelo amargo desapontamento dos Milleritas.

Continuando essa aplicação, os pioneiros compreenderam o apelo do anjo em Apocalipse 10:11, “Importa que profetizes *outra vez* a muitos povos e nações, e línguas e reis”, como uma comissão urgente e sagrada para proclamarem a correcta interpretação das profecias de Daniel do tempo do fim, particularmente Daniel 8:14. Mas como puderam eles conti-

nuar a levar a sério Daniel 8:14? Porque reconheceram que o erro *não estava na conclusão* de que os 2300 anos terminavam em 1844, *mas antes na interpretação* da purificação antitípica do santuário do novo concerto. Conectando Daniel 8:14 com a proclamação feita pelo anjo de que durante a sétima trombeta “*não haveria mais demora*” (Apoc. 10:6). Ellen White declarou que o tempo profético tinha terminado irrevocavelmente em 1844: “O povo não terá outra mensagem com tempo definido.”¹²

Aplicação no Seu Próprio Tempo

Os pioneiros concordavam geralmente em que tanto o “anjo forte” de Apocalipse 10 como o anjo de Apocalipse 14 apresentavam o mandato e missão divinos de proclamar a última advertência da profecia “a toda a nação, e tribo, e língua e povo” (Apoc. 14:6; cf. Apoc. 10:11). Os nossos pioneiros estavam convencidos de que a profecia da mensagem do primeiro anjo, com a sua proclamação da hora do juízo celestial (Apoc. 14:7), encontrara “o seu mais directo cumprimento” nas mensagens, cheias do Espírito Santo, de William Miller e seus associados, cujos escritos foram levados para países distantes.¹³ Este cumprimento histórico inicial da mensagem do primeiro anjo de Apocalipse 14 na América liga a Igreja Adventista do Sétimo Dia inextricavelmente ao movimento Millerita. O Espírito de Deus transformou inúmeros corações e vidas de crentes no Advento num reavivamento genuíno, similar ao do dia de Pentecostes. Os pioneiros Adventistas do Sétimo Dia “ousaram não negar que o poder do Espírito Santo acompanhara a pregação do segundo advento, e não podiam descobrir erro algum na contagem dos períodos proféticos.”¹⁴

O Cumprimento da Mensagem do Segundo Anjo

A proclamação do primeiro anjo está indissolúvelmente unida a uma segunda mensagem que anuncia a queda de uma Babilónia universal (verso 8). Esta mensagem profética encontra, semelhantemente, um cum-

primento histórico inicial no movimento Millerita. A proclamação de um dia específico, 22 de Outubro de 1844, para o fim da mais longa profecia de tempo de Daniel, constituiu o elemento catalisador que levou milhares de pessoas a se prepararem completamente para o advento de Cristo.

Um excelente exemplo é a experiência da jovem Ellen G. Harmon. Quando ela deu testemunho, numa reunião da sua Igreja Metodista, de que as “comoventes verdades acerca do aparecimento pessoal de Jesus” haviam trazido nova bênção ao seu coração e que ansiava com ardente esperança pela breve volta de Cristo, ela foi repreendida pela sua “teoria errônea”.¹⁵ Algum tempo depois, juntamente com seus pais, foi irradiada de membro da Igreja Metodista.¹⁶

Muitos outros crentes adventistas foram, do mesmo modo, excomulgados das Igrejas Protestantes, durante o verão de 1844. Isso levou a que os pregadores Milleritas descrevessem todas as igrejas organizadas como Babilónia e chamassem os santos que esperavam o Advento para fora de todas as denominações religiosas da América.

John N. Andrews (1829-1883) e Ellen G. White interpretaram a queda de Babilónia como uma “queda moral” por causa da recusa das igrejas estabelecidas em aceitarem a luz da mensagem do Advento.¹⁷

Contudo, eles viam esta queda moral como um processo que ainda não estava completo. Somente quando as igrejas cristãs em todas as nações da terra tivessem rejeitado o evangelho eterno da mensagem do primeiro anjo, e se tivessem, assim, unido ao mundo, então é que a Babilónia universal teria caído completamente. Ellen White escreveu em 1888: “A mudança é gradual, e o cumprimento perfeito de Apocalipse 14:8 está ainda no futuro.”¹⁸ Esta apostasia final é descrita mais completamente em Apocalipse 18.

O Terceiro Anjo Especifica a Mensagem

O veredito final sobre Babilónia é anunciado na mensagem do terceiro anjo (Apoc. 14:9-12). Contém a mais terrível advertência que já foi en-

viada do céu aos seres mortais: a advertência acerca da ira de Deus nas sete últimas pragas (Apoc. 15 e 16).

No período pós 1844 aumentou entre alguns adventistas a convicção de que *toda a verdade da Bíblia* deveria ser restaurada entre o povo de Deus, antes que o Segundo Advento tivesse lugar. Assim, o Sábado do sétimo dia foi adoptado — dos Baptistas do Sétimo Dia. À reforma do Sábado foi dada, contudo, nova importância e urgência por se ver o Sábado como a probante verdade da restauração do evangelho e da Lei que, segundo Apocalipse 14, terá lugar no fim do tempo.

O argumento confirmativo da importância vital da restauração do Sábado era especificamente a mensagem do terceiro anjo de Apocalipse 14. Esta proclamação apelava para a obediência aos mandamentos de Deus, em contraste com o seguir de tradições e mandamentos apóstatas. E no centro de tudo isso estava a declaração: “Aqui está a paciência dos santos, aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus” (verso 12).

Ellen White realçou da seguinte maneira a importância da inextricável união do Sábado e da mensagem do terceiro anjo: “Separai o Sábado das mensagens e ele perderá o seu poder; mas quando [o Sábado é] unido à mensagem do terceiro anjo, um poder a espera, o qual vencerá do pecado os descrentes e infieis, e fará com que possam erguer-se, viver, crescer e florescer no Senhor.”¹⁹

Deste modo, aceitar o Sábado do sétimo dia, segundo a teologia Adventista do Sétimo Dia, implica a aceitação da escatologia da tríplice mensagem de Apocalipse 14, e vice-versa. Com o decorrer do tempo, a conexão do Sábado com o evangelho eterno haveria de provar ser de importância fundamental.

Relevância Contínua

As mensagens dos três anjos são sempre novas. Com cada ano que passa tornam-se mais actuais e progressivamente mais urgentes. Os três anjos continuam a voar *juntos* em ordem irreversível, proclamando, em primeiro lugar o evangelho eterno da graça de Deus, e a seguir apresentan-

do os reclamos obrigatórios da santa lei de Deus para toda a humanidade. Assim, juntos, preparam um povo para vencer no tempo da angústia de Jacó e no dia da ira de Deus.

Ellen White acreditava que “a verdadeira compreensão destas mensagens é de importância vital. O destino das almas depende da maneira como elas forem recebidas.”²⁰ A compreensão adventista da lei divina e do evangelho como unidos nas mensagens dos três anjos de Apocalipse 14 era tão certa como Deus existir. Pelo facto de os ter aceite, a igreja estava “sobre uma sólida plataforma inamovível.”²¹

Referências

1. Ver William Miller, *Evidence From Scripture and History of the Second Coming of Christ About the Year 1843* (Boston, B. B. Mussey, 1840), p. 8. Em 1843, Miller recebeu da Igreja Baptista uma credencial para pregar.
2. Miller reivindicava estar “de acordo com as opiniões de todos os comentadores protestantes clássicos” quanto ao simbolismo do ano-dia. Ver L. E. Froom, *Prophetic Faith of our Fathers* (Washington, D. C., Review and Herald Pub. Ass., 1946-1954), Vol. IV, pp. 472, 473.
3. O ano de 457 a. C. é a data do decreto do rei Artaxerxes para reconstruir Jerusalém, acontecimento indicado em Daniel 9:25.
4. Ver Miller, *Op. cit.*, pp. 39-58.
5. Froom, *Op. Cit.*, p. 473.
6. *Ibid.*, Vol. III, p. 256.
7. W. L. Emmerson, *The Reformation and the Advent Movement* (Hagerstown, Md., Review and Herald Pub. Ass., 1983), p. 197.
8. Estes cinco pontos fundamentais são citados do livro de A. L. White, *Ellen G. White: Messenger to the Remnant* (Washington, D. C., Conselho de Administração das Publicações de E. G. White, 1954), p. 40.
9. Ver *Primeiros Escritos*, pp. 258-261; *Counsels to Writers and Editors*, pp. 30, 31.
10. Ver *Review and Herald*, vol. 1, n 1, pp. 7 e 8.
11. Uriah Smith, *The Sanctuary and the Twenty-three Hundred Days of Daniel VIII, 14* (Battle Creek, Mich., SDA Pub. Ass., 1877), p. 102.
12. *The SDA Bible Commentary*, Ellen G. White Comments, vol. 7, p. 971.
13. *O Grande Conflito*, Lisboa, Publicadora Atlântico, 1978. cap. XX, p. 296.
14. *Ibid.*, cap. XXII, p. 325.
15. *Testimonies*, vol. 1, p. 37.
16. *Ibid.*, p. 43.
17. *O Grande Conflito*, cap. XXI, p. 313; Cf. J. N. Andrews, *The Three Messages of Revelation XIV, 6-12* (Battle Creek, Mich., SDA Pub. Ass., 1872), pp. 48-50.
18. *Ibid.*, p. 314.
19. *Testimonies*, vol. 1, p. 337.
20. *Spiritual Gifts*, vol. 1, p. 168.
21. *Ibid.*, p. 169.

O Dr. Hans K. LaRondelle é professor de teologia no Seminário Teológico da Universidade Adventista de Andrews, em Berrien Springs, Michigan, nos Estados Unidos.

Escola Sabatina: De volta às nossas Raízes

A questão é a seguinte:

Que razões que nos levaram a criar a Escola Sabatina?

Deveremos nós mantê-la?

Uma pertinente pergunta que percorre hoje os nossos círculos é se a Igreja Adventista não deveria abandonar a sua Escola Sabatina tradicional como um programa que já ultrapassou a sua época de utilidade. Muitos membros lamentariam profundamente tal abandono. Mas outros, eventualmente, alegrar-se-iam com isso.

Quem tem razão?

Se olharmos para a Escola Sabatina, posicionando-nos negativamente *contra* ela, talvez possamos aplicar-lhe a avaliação que o Dr. Win Arn, da Igreja Protestante, perito em crescimento da igreja, fez da Escola Dominical, que era “um método em busca de uma missão”. Efectivamente, a assistência à Escola Sabatina decaiu nas últimas três décadas, e mesmo os membros que a frequentam acham por vezes que o programa da Escola Sabatina é “um ritual maçador”, que os professores actuam como “pequenos pregadores” que “têm os seus fins em vista”, e que ideias *novas* nunca são bem aceites.

A acrescentar a tudo isto há ainda os comentários que nos chegam dos pastores e pregadores leigos da América do Norte, os quais nos dão a entender que também eles pensam que se a Escola Sabatina desejar sobreviver e cumprir a sua missão, então ela não poderá continuar no estado em que está por muito mais tempo. Até o estudo *Valuegenesis* [ver *Revista Adventista*, Janeiro de 1992] sugere que muitos jovens e adultos acham que falta nas congregações locais um clima de cordialidade e que estas não encorajam minimamente a reflexão.

Se considerarmos ainda as pressões do tempo sobre as famílias e a diminuição dos professores e recursos financeiros disponíveis para os ministérios da igreja, talvez cheguemos à conclusão de que a igreja precisa mesmo de considerar se a Escola Sabatina *não ultrapassou* já o seu tempo de utilidade.

Ora, antes de desistirmos de tudo, olhemos para a Escola Sabatina de maneira *positiva*, isto é, a favor desta instituição. Vejamos *porque* foi criada, e *se* ainda pode cumprir um propósito válido e dinâmico nas vidas dos cristãos adventistas.

Quando se iniciaram as primeiras Escolas Sabinas, na década de 1850, elas foram designadas para crianças e jovens — tal como as primeiras Escolas Dominicais criadas no princípio de 1700. A educação religiosa dos adultos fazia-se então, em grande parte, durante as chamadas “reuniões sociais”, nas quais um pequeno número de membros se reunia em casa de um deles nas tardes de Sábado, ou à noite, nos dias da semana.

Com que fim se reuniam essas pessoas? Ellen White respondeu a essa pergunta em 1871, num artigo da *Review and Herald*, onde dava instruções quanto à maneira de conduzir tais reuniões: “Nós reunimo-nos para nos edificarmos uns aos outros através de um mútuo intercâmbio de pensamentos e sentimentos, tornando assim conhecidos uns dos outros as nossas aspirações, as nossas esperanças, e obtendo força, e luz, e coragem uns dos outros.” Ela chamava-lhes “reuniões para conversar e orar” e realçava que “deviam ser espirituais e sociais”.¹

Os elementos-chave de tais reuniões incluíam debate informal, testemunho pessoal e oração de uns pelos outros. Elas “não devem ser enfadonhas”, aconselhava Ellen White. “Formalidade e rigidez devem ser deixadas de lado. ... Reserva, orgulho, vaidade e temor dos homens devem ser deixados em casa.” “Nem todos têm as mesmas experiências na sua vida religiosa. Mas os de experiência diversa reúnem-se, e ... falam das suas experiências.”²

Ellen White acreditava que falar com os outros crentes sobre as nossas “provações, conflitos e tentações, bem como dos grandes esforços e vitórias de cada dia” dá “luz, força e conhecimento que ajudarão outros no seu progresso na carreira divina”.³

Hoje chamamos a isto “crescimento espiritual”.

A Escola Sabatina original não incluía longos discursos feitos pelo seu director ou pelo professor da classe. Num artigo da *Review and Herald* de 1860, George Amadon descrevia assim a Escola Sabatina naquela que era então a maior congregação adventista — Battle Creek: “O professor começa a fa-

zer perguntas. E os alunos, se quiserem, também fazem perguntas, e desta maneira se faz a lição.”⁴ Ele disse que as classes tinham em média cinco ou seis membros, e que o debate durava 45 minutos. E mesmo os 10 minutos reservados ao director eram um período de perguntas e respostas.

Ellen White, num testemunho para a igreja, em 1900, descreveu a Escola Sabatina como “um estudo livre e conversacional das Escrituras.” “Ao nos aproximarmos mais do fim, vi que ... haverá menos pregação e mais estudo da Bíblia.”⁵

Esta abordagem altamente pessoal e interactiva da educação religiosa atraiu, como é natural, alguma oposição, mas a irmã White insistiu em que “a simples audição de sermões sábado após sábado, a leitura da Bíblia de ponta a ponta, ou a sua explicação versículo por versículo não nos aproveitará, nem aos que nos ouvem, se não vivermos as verdades da Bíblia na nossa experiência individual.”⁶ Diria que ainda hoje os métodos de aprendizagem “experimentais” são controversos entre os adventistas.

Quando grande número de membros da Escola Sabatina dizem que o professor das suas classes “faz uma pregação” demasiado longa, que muitas vezes “sai do assunto da lição” e que há “muito pouco tempo” para um estudo apropriado da mesma, então parece que a Escola Sabatina não está seguindo o seu plano original.

“Os alunos devem ser levados a pensar por si mesmos”, declarou Ellen White perto do fim da sua vida. Frisou que se deve dar tempo aos homens e mulheres para que “repitam estas verdades com suas próprias palavras, de modo a estardes certos de que as compreendem claramente. ... Ele [o aluno] deve ser levado a apresentar essa verdade claramente, com suas próprias palavras, para que seja evidente que vê a força da lição e sabe aplicá-la.” Ela reconhecia que uma abordagem participativa “talvez seja um processo vagaroso, mas é dez vezes mais valiosa” do que uma simples palestra.⁷



Dando Valor Hoje às Escolas Sabatinas

Creio que as classes da Escola Sabatina são o mais importante grupo na vida de cada congregação adventista. Neste grupo os adultos aprendem Bíblia, encontram encorajamento para viver os princípios da Bíblia nos seus empregos e nas suas famílias, tomam conhecimento com outras pessoas da igreja, desenvolvem um sentimento de pertença e ajudam-se uns pelos outros em nome de Jesus.

Milhares de membros de igreja confessam-nos, em entrevistas e inquéritos, que a classe da Escola Sabatina é extremamente importante para eles. É aqui que se encontram com os seus amigos, que partilham os seus fardos e necessidades, que falam uns com os outros sobre a sua peregrinação espiritual, que discutem pontos vitais da fé e ética cristã, e adquirem a dimensão pessoal que faz com que ir à igreja mereça realmente a pena.

Mateus 28:19 diz-nos que a missão da igreja é “fazer discípulos”. Ora isso envolve ajudar as pessoas a entregarem as suas vidas a Jesus e animá-las a manter esse seu compromisso — duas funções a que chamamos evangelismo e crescimento cristão. A classe da Escola Sabatina, na nossa igreja local, é o local ideal para ambas.

Torna-se, pois, claro que é ao professor da classe da Escola Sabatina que cabe a responsabilidade de dirigir os membros nesses dois objecti-

vos. Na América do Norte, tais homens e mulheres começaram a ser chamados “dirigentes das classes”, em vez de “professores”, para indicar claramente que a sua função é mais do que transmitir informação ou “dar a lição”.

Se a congregação é o corpo de Cristo, como o Novo Testamento diz em vários lugares, então a classe da Escola Sabatina é a “célula” dentro do corpo. Se o mais básico elemento da vida é a célula, do mesmo modo a mais básica unidade da vida espiritual na igreja é a “vida da célula”. Em nenhuma outra parte das actividades da igreja, na manhã de Sábado, é o ministério do laicado mais vital do que na classe da Escola Sabatina. O professor é o “subpastor” ou “pastor” de uma pequena “igreja”.

No âmbito da classe, deve haver um intercâmbio de ideias que não leve a discussões acesas, um partilhar da fé e dos princípios bíblicos. A amizade constrói-se no ciclo do companheirismo. Um sentimento de comunidade é estabelecido. As perguntas são feitas e respondidas num ambiente informal.

Na maior parte dos serviços do culto de Sábado, o visitante ou o membro limita-se a ouvir. Ouve as orações, ouve a música especial e o sermão. Pode participar no cântico congregacional, mas a sua grande oportunidade de partilhar acontece na classe da Escola Sabatina.

Em que outro lugar pode uma mãe

com um filho doente revelar os seus temores e pedir aos outros que orem por ele? Em que outro lugar um homem que acaba de ser despedido do emprego pode partilhar as suas apreensões e buscar a vontade de Deus para a sua vida? Em que outro lugar nos são dadas sugestões, por companheiros compreensivos, sobre a maneira de viver a mensagem do Advento na segunda-feira de manhã e sobre a nossa responsabilidade de ajudar os outros?

Se os Adventistas devem continuar a ser “um povo do Livro”, tendo a Bíblia no centro dos nossos valores e estilos de vida, então uma compreensão prática e vívida das Escrituras tem de ser largamente fomentada entre nós. Quanto mais o tempo passa, quanto mais forte for a institucionalização da Igreja Adventista, maior é o perigo de uma ortodoxia morta. A Escola Sabatina, dado que é um empreendimento com raízes profundas, constitui o nosso principal baluarte contra esse trágico resultado.

Crescendo em Direcção à Maturidade da Fé

O que é a maturidade da fé? O estudo Valuegenesis revela que um notável número de adolescentes de lares adventistas, tal como membros adultos, não se classificam muito alto em termos de maturidade de fé.

Crescimento espiritual é o primeiro objectivo da Escola Sabatina. Os sete pontos-chave usados no estudo Valuegenesis como indicadores de maturidade de fé foram agora recomendados pelo conselho de educação religiosa da Divisão Norte-americana como objectivos para a Escola Sabatina. Assim, uma pessoa com maturidade de fé:

1. Confia e crê no perdão de Deus e no Seu amor incondicional.
2. Experimenta o fruto da fé — um profundo sentimento de segurança pessoal e de auto-aceitação, uma experiência na direcção de Deus e um sentimento de chamado e missão.
3. Integra a fé na vida do dia-a-dia.
4. Busca crescimento espiritual.
5. Experimenta e alimenta a fé na

comunidade, partilhando a sua fé e alimentando a fé dos outros.

6. Tem valores da vida afirmativos.

7. Abraça uma teologia de serviço, demonstrando compaixão pelos desfavorecidos e defendendo a justiça.

Ao nos mantermos firmes na esperança da breve volta de Cristo a um mundo que rapidamente se torna mais complicado e secular, a maturidade da fé torna-se cada vez mais importante para os nossos membros. O papel da Escola Sabatina é crucial para preparar um povo para este tempo!

Num próximo artigo serão apresentadas experiências de algumas igrejas em que Escolas Sabatinas inoavadoras estão acelerando o processo do crescimento espiritual.

1. *Review and Herald*, 30 de Maio de 1871.
2. *Ibid.*
3. *Ibid.*
4. *Ibid.*, 16 de Fevereiro de 1860.
5. *Testimonies*, vol. 6, p. 87.
6. *A Ciência do Bom Viver*, Lisboa, Publicadora Atlântico, 1990, p.514.
7. *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, São Paulo, Casa Publicadora Brasileira, 1975, p. 392.

J. Lynn Martell é director dos Ministérios da Igreja na Divisão Norte-americana.



Alexandre e a Cobra Mamba

O pequeno Alexandre vivia com a família no Quênia, um país da África. Ele gostava de viver lá. Aos sábados, de manhã, ia à Escola Sabatina e à tarde ia muitas vezes almoçar com a família à propriedade de amigos da igreja. Era tão emocionante correr e brincar naqueles espaços amplos e soalheiros, mesmo sabendo que ali bem perto vivam animais selvagens! Alexandre já os tinha visto no mato, ao passo que os outros meninos só os viam no jardim zoológico.

Um dia, depois de terem almoçado, e enquanto os crescidos falavam uns com os outros, Alexandre foi brincar para o terreno areoso junto à casa e, agarrando numa pedra afiada, curvou-se e pôs-se a desenhar no chão. Porém, cansou-se depressa e ergueu-se. Nesse preciso instante, um homem perto dele gritou-lhe:

— Alex, não te mexas! Fica quieto! Muito quietinho!

Alexandre não sabia qual era o problema, mas obedeceu e ficou muito quieto. O homem agarrou num pau e bateu em qualquer coisa que estava no ramo da árvore mesmo por cima da

cabeça de Alex. Uma grande cobra verde veio cair morta aos pés do rapazinho.

Que é que acontecera? A cobra estava a dormir na árvore e sentindo-se incomodada no seu sono, ficou zangada e preparou-se para morder o Alexandre. Era uma cobra mamba, venenosa, daquelas que são muito temidas em África por terem um veneno que actua muito depressa. Já têm morrido muitas pessoas por serem mordidas por cobras mambas.

Eu creio que houve um anjo que guiou a mão daquele homem. O pau bateu na cobra à velocidade certa e no sítio certo para a matar instantaneamente. Mas olhem! O Alexandre ouviu bem a ordem que lhe foi dada, de ficar muito quieto! Se ele tivesse desobedecido, teria ficado gravemente doente, se é que não morreria!

Deus tinha um plano especial para a vida do Alexandre, que, quando cresceu, se tornou pastor. Mas Deus também vos ama e tem um plano especial para a vossa vida.

Laurie Denski-Snyman

SER DONA DE CASA: Qual o melhor plano a seguir?

1.^a PARTE

*Sete segredos
para se manter em
forma e organizar
melhor o seu lar*

Quando alguém tem a seu cargo a lida de uma casa, o cuidado do cônjuge e dos filhos, e ainda um emprego a tempo inteiro, esse alguém há-de viver, sem dúvida, sob tremenda pressão psicológica. Como estabelecer então as suas prioridades? Como saber o que deve fazer em primeiro lugar? E quem ou o quê, no meio de toda essa confusão de deveres e obrigações, poderá ser deixado de lado?

Uma pesquisa feita recentemente revela que a primeira actividade que as mulheres põem de lado, quando têm falta de tempo e vivem sob pressão, é a lida da casa. Tantas como 80 por cento confessaram ter sido obrigadas a alterar os seus princípios quanto ao trabalho de cuidar do lar, e 42 por cento disseram que a lida da casa foi a primeira coisa a ser posta de lado.

Um outro estudo revelou que as mulheres que trabalham fora do lar dormem cada noite menos 20 a 25 minutos do que os seus maridos. E às mães que têm filhos com menos de três anos de idade acontece ainda pior: dormem diariamente menos 45 ou 50 minutos do que os seus maridos. Isto quer dizer que uma mãe que trabalha perde por semana quase uma noite inteira de sono, o que na prática significa que, por ano, ela dorme um mês inteiro menos do que o pai do seu filho.

Para tais mulheres, ter algum tempo para si mesmas é algo de raro. Apesar das muitas invenções modernas para aliviar o seu trabalho, as mulheres têm hoje, semanalmente, menos seis horas de lazer do que tinham há dez anos. A falta de sono e consequente fadiga (às vezes, elas falam do sono como alguém a morrer de fome fala de comida) cobram o seu direito às mulheres e suas famílias. Contudo, muitas delas continuam a fazer a sua vida normal, limpando, lavando, tomando conta dos filhos, indo às compras, cozinhando, etc. Que acontece então? Essas mulheres ficam esgotadas e não conseguem cumprir com todas as tarefas que se impuseram.

O resultado desse estado de coisas é que muitas mulheres se sentem marginalizadas e só, ressentindo-se contra os maridos que se

permitem desempenhar os papéis tradicionais e se recusam a envolver-se no trabalho da casa. Sem se darem conta, esses homens estão perdendo algo de muito importante para a vitalidade (e possivelmente para a sobrevivência) dos seus casamentos: o amor e respeito de suas esposas.

Que se poderá então fazer para ajudar essas mulheres e mães de família esgotadas? Haverá alguma maneira de organizar melhor a vida doméstica?

Damos a seguir, e também na segunda parte deste artigo, sete segredos para melhorar a boa disposição emocional e a saúde. Eles foram desenvolvidos a partir de uma nova abordagem à vida de cada dia e eu mesma verifiquei que me ajudam a libertar-me do trabalho penoso e sem fim da lida de casa. Estou convencida de que estas indicações de ordem prática, quanto ao que fazer ou não fazer, podem ajudar-nos a viver melhor o conselho das Escrituras: “Faça-se tudo decentemente e com ordem” (I Cor. 14:40).

Segredo n.º 1:

Um Plano Diário de Trabalho

Uma dona de casa a tempo inteiro gasta em média 55 horas por semana em tarefas domésticas. Isso inclui a planificação e preparação das refeições, a lavagem da roupa, a limpeza da casa, as compras na mercearia ou supermercado. Mas quando essa dona de casa tem, além disso, um emprego a tempo inteiro, então, ela é obrigada, pela força das circunstâncias, a reduzir o trabalho da casa para metade. No entanto, e no que se refere a este ponto, o que há de bom é que, esteja-se ou não empregada, é sempre possível reduzir drasticamente o tempo que se gasta a limpar e a cuidar de uma casa.

Os melhores gestores do mundo económico conseguem alcançar os objectivos que se propõem através de um plano de trabalho. Ora, assim como uma grande empresa beneficia de um plano de trabalho, também as donas de casa podem gerir os seus lares de ma-

neira mais eficiente se tiverem um plano diário de trabalho.



É incrivelmente fácil elaborar um plano diário de trabalho, ou seja, um horário semanal. Numa folha de papel, junto à margem esquerda, escrevem-se as horas do dia, de 15 em 15 minutos, cada secção na sua linha, desde o levantar até ao deitar. A seguir, divide-se o papel em sete colunas e em cada uma destas colunas, no cimo, escrevem-se os dias da semana. Preenchem-se então, rapidamente, os pontos habituais e obrigatórios: levantar e deitar; tempo para arranjarse; refeições; obrigações ou visitas regulares semanais; horas de trabalho no emprego (caso se trabalhe também fora de casa), etc.

O passo seguinte é estabelecer o tempo a dedicar às actividades pessoais (devoção, leitura, exercício); a seguir, algum tempo para dedicar à família; e também um pouco para recreação ou passatempos. É mais provável que se consiga arranjar tempo para todas estas coisas se se fizer previamente uma planificação deste género.

Como evitar a sobrecarga

O passo seguinte consiste em elaborar uma planificação para executar as tarefas diárias sem ficar sobrecarregada.

• Primeiro, faça a lista das tarefas “maiores” do lar, que têm de ser feitas durante a semana: lavar a roupa, aspirar a casa, limpar o pó, limpar as casas de banho e a cozinha, as idas às compras, etc. (Nota: *Um tarefa é considerando “maior” quan-*

do requer mais de 15 minutos para ser feita.)

• A seguir, atribua uma tarefa “maior” a cada dia da semana. Por exemplo: Segunda-feira — cozinha; Terça-feira: mudança das camas, lavagem, dobrar a roupa e guardá-la ou pôr de parte; Quarta-feira — casas de banho, planificação das refeições, ida ao supermercado; Quinta-feira — limpar a casa toda e fazer a comida de Sábado; Sexta-feira — limpar o pó e ultimar os preparativos para o Sábado.

• Agora é o momento de acrescentar a cada dia três a cinco tarefas menores. (Nota: *Uma tarefa “menor” é qualquer actividade que requiera mais de cinco minutos.*) Por exemplo, no dia de limpar o pó, limpe também uma janela e um estore.

Muitos de nós fomos criados em lares em que a preparação para o Sábado se fazia através de exaustivos trabalhos na quinta-feira à noite e durante todo o dia de sexta-feira. Mas hoje isso é irrealístico, uma vez que 62 por cento das mulheres trabalham a tempo inteiro fora de casa.

Precisamos também de reavaliar as nossas noções de uma casa “limpa”, decidindo o que é possível fazer nos estreitos limites de tempo de que dispomos. Eu acho que quando o total do trabalho da casa foi dividido em grupos de uma tarefa “maior” e algumas “menores” por cada dia, fazendo-se a limpeza geral mais no fim da semana, é possível entrar-se no dia de Sábado com a casa num estado de arrumação e preparação aceitáveis.

Mas o que me alegra é saber que se eu não puder realizar qualquer tarefa, por maior que ela seja, num determinado dia, eu posso sempre deixá-la para a semana seguinte, e não para o dia seguinte! Porque se eu tentasse recuperar esse trabalho atrasado no dia seguinte, isso deixaria-me esgotada. (Excepção: *a roupa tem de ser sempre lavada, a não ser que se possuam roupas em quantidade suficiente para duas semanas.*) Mas geralmente as grandes tarefas podem ser ocasionalmente retardadas sem criarem qualquer situação de pânico.

• Por último, observe de novo o seu plano de trabalho diário e reelabore-o até que ele se ajuste à sua situação pessoal. As nossas vidas e circunstâncias estão em constante estado de mudança. Se o primeiro plano não der resultado, temos de voltar a trabalhá-lo até que fique operacional.

Segredo nº 2:

O Milagre dos 5 Minutos

Antes de sair para o seu emprego, ou antes de começar o seu dia de trabalho em casa, conceda cinco minutos a cada compartimento da sua casa: cinco minutos à casa de banho (pendure as tolhas, guarde os artigos de toilette, limpe a bacia); cinco minutos ao quarto (faça a cama, pendure as roupas, deite fora restos e fragmentos). Procure que os seus filhos despendam também cinco minutos com os seus quartos, fazendo as suas camas, arrumando os brinquedos ou livros, etc. Se na noite anterior, antes de se deitar, deu uma arrumadela à sala de estar, na manhã seguinte pode esquecê-la. Depois do pequeno-almoço, conceda também cinco minutos à cozinha: coloque a loiça na máquina, ou ponha-a simplesmente no lava-loiça, deite fora os restos da comida e guarde o que há a guardar, e limpe a mesa ou balcão da cozinha.

Estes cinco minutos não dão para limpar o hall, os armários, varrer ou encerar o chão da cozinha, muito menos para dar lustro às pratas. Talvez essas coisas precisem também de ser feitas. Mas não agora. É preciso evitar prender-se com determinados por menores quando nos movemos apressadamente de uma divisão para a outra na casa, apenas com o objectivo de as pôr em ordem.

Quando a dona de casa emprega da sai para o seu trabalho sem fazer as camas, quando deixa a loiça suja sobre a mesa e as roupas que se vestiram ontem no lugar em que foram lançadas, ela fica em grande desvantagem. Quando voltar a casa, depois de um árduo dia de trabalho, ao ver tudo por fazer, o mais provável é que se sinta desanimada e manifeste sinais de frustração, e aí começa a gritar

com os filhos e a mostrar-se queixosa e irritada para com o marido. Parecer-lhe-á então que a própria casa lhe grita que ela é um fracasso, que não é capaz de fazer nada certo, que toda a sua vida está num caos. Pessoas que vivem desta maneira dia após dia acabam por ser afectadas negativamente pelo que pensam a seu próprio respeito.



Se puser em prática esta técnica de uma breve arrumação em cinco minutos, vai poder sair para o seu emprego com maior confiança, pois saberá que o seu lar está “decentemente e em ordem”.

Os cinco minutos de breve arrumação melhoram também as primeiras impressões de qualquer pessoa que entre em casa. A desordem faz com que toda a casa pareça desarrumada e dá até a impressão de que está suja. Um quarto arrumado tem desde logo uma aparência de limpeza e de ordem.

Seguir o plano diário dos cinco minutos de rápida arrumação poderá resultar igualmente num maior e mais visível melhoramento do seu lar.

Segredo n.º 3:

Um escritório Operacional

Acontece-lhe esquecer-se, às vezes, de compromissos? Não sabe onde colocou as suas listas de compras ou de coisas a fazer? Perde nomes e moradas? Se tal é o caso, então precisa de um escritório.

Toda a mulher necessita de um escritório organizado, um lugar onde te-

nha à mão todos os dados de que precisa e onde estes nunca se percam. O tipo de escritório que recomendo não é mais um quarto para limpar, mas uma simples agenda que cabe na sua mala de mão.

Eu encontrei um tipo de agenda económico e satisfatório, com espaços apropriados para colocar todas as informações de que preciso diariamente. Chamo-lhe “a minha memória” Eis como organizo essa minha agenda.

- A sua primeira secção é um *calendário com planificação semanal*. Ali existe um espaço para cada dia, com diferentes horas. Cada vez que tomo um compromisso, anoto-o neste calendário. E pronto! Adeus compromissos esquecidos! Numa só página, de imediato, posso ver todos os meus compromissos para aquela semana.

- A seguir, eu organizei em algumas folhas grupos de informações classificadas, com os respectivos indicadores, onde anoto informações diversas. Chamo-lhe o meu estilo de vida.

- *A primeira secção intitula-se: “Comissões”*. Aqui tomo nota dos nomes, endereços e números de telefone das pessoas que pertencem aos vários conselhos ou comissões de que eu também faço parte. Tenho um lugar destinado ao meu grupo de oração na quarta-feira à noite, outro para as reuniões do ministério das senhoras e um outro para os conselhos da Escola Sabatina.

- *À segunda secção dei o nome de “Pessoal”*. Coloquei numa página os números de telefone para os quais ligo mais frequentemente, deixei uma página para os membros da minha família, e também espaços para determinadas pessoas com quem contacto muitas vezes.

- *A secção número três designei-a como “Objectos emprestados e Coisas a Lembrar”*. Qualquer coisa que eu empreste ou me seja emprestada — livros, cassetes — eu anoto aqui e dou baixa quando são devolvidas. Tenho também nesta secção uma página para certas informações que preciso de ter presentes, como,

por exemplo, o tipo de rolo da minha máquina fotográfica. São coisas de que me esqueço com facilidade. Também anoto nesta secção o título de livros que me recomendam ou o nome de um restaurante que me é aconselhado em tal ou tal lugar.

- *A minha quarta secção intitula-se: “Saúde”*. Contém os nomes e moradas dos nossos médicos de família, dentistas, analistas, etc.

- *A quinta secção chama-se: “Assuntos Domésticos”*. Nela tenho anotado, por exemplo as medidas da casa (cozinha e quartos), as referências dos papéis da parede, as marcas e modelos dos electrodomésticos e dos produtos que lhes são adequados e, como trabalho em decoração, as medidas das colchas, colchões, janelas, etc. É também nas folhas referentes a esta secção que eu elaboro o meu orçamento mensal.



- *A sexta secção da minha agenda é consagrada a “Apontamentos de Sermões e Pedidos de Oração”*. Anoto as datas, o nome do orador, os versículos bíblicos citados, os pontos que me pareceram mais importantes, e num determinado espaço, os pedidos de oração. Acho esta parte da minha agenda extremamente útil e a verdade é que eu aproveito mais de um culto quando tomo notas, e que me lembro melhor de orar por alguém que o solicitou, ou que foi anunciado na reunião da igreja, se anotar esse pedido.

- Por último, tenho na minha agenda uma lista de moradas e ainda algumas folhas em branco para notas dispersas.

O Trabalho do Lar

De manhã, ao acordar, ou à noite, antes de dormir, acodem-nos à mente uma série de coisas que temos de fazer e todas nos parecem urgentes. Se tivermos de fazer um esforço para nos lembrar de todas elas, ficaremos aflitas e esgotadas e isso bloqueará o nosso impulso criativo.

Ora, se quando tais pensamentos nos vierem à mente, nós tomarmos um minuto para os escrevermos no nosso diário — os telefonemas a fazer, as consultas a marcar, algo a comprar — ficaremos libertas da pressão dessas coisas. É como se já as tivéssemos feito, pois ficaram anotadas na nossa agenda, no espaço relativo àquele mesmo dia. E é até possível que durante o dia tenhamos uma ideia melhor para tratar de alguns desses assuntos. O simples facto de fazer uma lista de assuntos a tratar faz com que na nossa mente se vão desenvolvendo soluções para os mesmos antes até de nos ocuparmos deles.

Ao chegar a casa, é bom abrir a nossa agenda nas folhas que dizem respeito à semana que está a correr e que a coloquemos num lugar conveniente, por exemplo, junto ao telefone ou na nossa mesa de trabalho. Um tal hábito faz com que de um só golpe de vista nos apercebamos das coisas que temos a fazer e que posamos anotar novos compromissos. Mas cuidado. *Nunca saiamos de casa sem levar a nossa agenda connosco!* É um hábito que convém cultivar.

Mas há mais quatro segredos que podem ajudar-nos a manter a calma e a boa disposição e facilitar a nossa vida no lar. É o que estudaremos num próximo número da *Revista Adventista*.

A mãe de família tem muitas vezes a impressão de que o seu trabalho é pouco importante. Com efeito, ele é raramente apreciado. Os outros pouco conhecem dos seus muitos cuidados e fardos. Os seus dias são ocupados por uma multidão de pequenos deveres, exigindo todos um esforço paciente, domínio próprio, tacto, sabedoria e amor abnegado.

Contudo, nada de extraordinário parece resultar do que ela faz. Velou apenas para que as coisas em casa corressem normalmente; por vezes fatigada e perplexa, esforçou-se por falar com bondade aos filhos, conservá-los ocupados e felizes, e conduzir os seus pequenos pés no recto caminho. Parece-lhe que nada fez. Mas engana-se.

Os anjos do céu velam sobre a mãe gasta de cuidados, tomando nota dos fardos que ela carrega dia após dia. O seu nome pode não ter sido ouvido no mundo, mas está escrito no livro da vida do Cordeiro.¹

As forças da mãe devem ser alimentadas com o mais terno cuidado. Em vez de se lhe permitir esgotar as suas preciosas forças em trabalho exaustivo, deveria ser aliviada dos seus cuidados e tarefas. Muitas vezes o marido e pai ignora as leis físicas que o bem-estar da família exigiria que conhecesse. Absorvido na luta pela vida, ou atarefado em procurar riquezas, ou oprimido com cuidados e perplexidades, deixa carregar sobre a esposa e mãe cargas que ultrapassam as suas forças no período mais crítico, e causam fraqueza e doença. ...

No penoso caminho da vida, o esposo e pai deve “ir a pouco e pouco”, de modo a que a sua companheira de jornada possa suportar o caminho. No meio de desenfreada ambição do mundo pelas riquezas e poder, que ele aprenda a retardar os seus passos, para reconfortar aquela que é chamada a marchar a seu lado.²

Em muitos lares, a esposa e mãe não tem ocasião de ler, de estar bem informada, de ser uma companheira para seu marido, de se manter em contacto com o desenvolvimento da inteligência dos filhos. Não há tempo nem espaço para fazer do precioso Salvador um companheiro íntimo e querido. Pouco a pouco, afunda-se nos rudes trabalhos do lar, e a sua força, tempo e interesse são absorvidos pelas coisas que perecerão com o uso. Tarde demais, ela despertará para se ver quase como uma estranha em sua própria casa. Passaram sem proveito as belas oportunidades de influenciar os seus queridos filhos para a vida superior.³

Que o marido auxilie a esposa pela simpatia e por um afecto inalterável. Que a auxilie a levar o seu fardo, se deseja conservá-la com saúde e alegria, de maneira que ela seja como um raio de sol no lar. O seu carinho e amável cortesia constituirão para ela encorajamento precioso, e a felicidade que ele lhe der trará alegria e paz ao seu próprio coração.⁴

Nancy L. Van Pelt, de Fresno, Califórnia, é diplomada em Economia Doméstica e tem ensinado “Organização Doméstica” em vários seminários. É também autora de 17 livros que estão traduzidos em dez línguas.

Por Ellen G. White

1. E. G. White, *Saúde do Espírito*, Lisboa, Publicadora Atlântico, pp. 34 e 35.

2. *Ibid.*, p. 32.

3. *Ibid.*, p. 27.

4. *Ibid.*, p. 33.

Alto Alentejo em Renovação

Reabertura da Sala de Culto de Atalaia do Gavião

Depois de obras de conservação e renovação na sala de culto de Atalaia do Gavião, podemos ter, enfim, uma sala mais condigna e solene nesta povoação do Alto-Alentejo.

O grupo de Atalaia do Gavião está ligado à igreja da Comenda, mas esperamos que a sua influência junto da população desta povoação possa contribuir para que o Evangelho Eterno chegue a mais almas sinceras e que em breve obtenha o número suficiente de crentes que o transforme em igreja organizada.

À cerimónia de reabertura, que teve lugar às 15h30 do dia 16 de Novembro último, esteve presente o Pastor Juvenal Gomes, secretário-tesouriro da União, que apresentou a Palavra a todos os presentes. Alguns irmãos vindos das igrejas da zona tornaram esta salinha pequena para conter a todos. Tivemos ainda o grato privilégio de ter dez visitas da terra e algumas crianças, que nos honraram com a sua presença.

Esperamos que a renovação da sala adventista de Atalaia do Gavião possa ser acompanhada de uma renovação espiritual de todos os irmãos e jovens que compõem este grupo.

Dedicação da Sala de Culto de Nisa

Depois de muito tempo de espera, e de alguns acidentes de percurso, a nossa igreja teve final

mente o privilégio de, pela graça de Deus e ao fim de 15 anos, conseguir encontrar uma nova sala de culto nesta vila do Alto-Alentejo.

A Mensagem Adventista do Sétimo Dia chegou a Nisa nos tempos do nosso Seminário de Portalegre. Nessa altura houve mesmo uma igreja constituída, que, posteriormente, foi encerrada por decisão da administração da então Associação Portuguesa. Porém, nunca deixou de existir um resto nesta Vila, que, lutando contra ventos e marés, manteve o facho aceso.

Durante estes anos, foram-se reunindo em casa do nosso irmão António Serra, mas pela graça de Deus o número foi aumentando, e agora o seu lugar de reuniões tinha-se tornado demasiado pequeno.

De alguns anos a esta parte, procurava-se um lugar onde nos pudessemos reunir para adorar ao Senhor, e que as pessoas da Vila sentissem que era um lugar público e não uma casa particular. Essa tarefa não foi fácil, pois sempre encontrávamos dificuldades quando se falava em Igreja Adventista, devido aos muitos preconceitos. Por fim encontrou-se um local, em frente à antiga sala de culto que ali tinha existido anos atrás.

Depois de algumas semanas de obras de adaptação, pudemos celebrar, no passado dia 7 de Dezembro, a cerimónia de dedicação desta Sala de Culto Adventista. Um dia marcado por muita chuva, mas que não impediu que a

sala, com capacidade para 40 pessoas sentadas, estivesse completamente cheia logo no começo da Escola Sabatina, tanto na sala de culto como na das crianças, e superlotada no culto.

Os que nos visitaram, de outras igrejas, tiveram de permanecer de pé para dar lugar a algumas visitas, e isto quer de manhã, quer à tarde, quando teve lugar a cerimónia de dedicação, presidida pelo Pastor Joaquim Morgado, que também celebrou o culto da manhã.

Um grupo de jovens de Lisboa-Alvalade alegrou este dia com os seus cânticos, no culto da manhã e à tarde, num programa especial. O Presidente da Câmara Municipal de Nisa, Dr. José Manuel Basso, esteve presente na cerimónia de dedicação e apresentou a disponibilidade desta Câmara para "colaborar com a Igreja Adventista do Sétimo Dia para a construção de um homem novo".

No final do programa musical, foi feito um apelo às visitas presentes, no sentido de que expressassem o seu desejo de continuar a assistir regularmente às futuras reuniões. Responderam afirmativamente cerca de cinco visitas. A um segundo apelo, para a preparação com vista ao baptismo, responderam os dois filhos do casal Ventura, Tiago e Sérgio, o que muito nos alegrou.

Que Deus possa transformar em breve este grupo em igreja, enriquecendo-o com almas sinceras, bem como renovar e transformar espiritualmente todos os seus membros.

Agora Escolha!

No passado dia 19 de Novembro, a Rádio Fonte Nova, de Portalegre, convidou a Igreja Adventista do Sétimo Dia a participar num debate sob o tema genérico de "A Religião em debate", no seu programa semanal das terças-

-feiras, às 21 horas, intitulado, precisamente: "Em Debate".

Para o referido programa, estiveram presentes um Sacerdote Católico, um "Elder" (ancião) Mórmon, um Doutor em Filosofia e um Pastor Adventista. Os dois moderadores introduziram o debate questionando a existência de Deus. Todos defenderam, como religiosos que eram, a existência de Deus, mas creio que a posição adventista, pondo em evidência o "no princípio criou Deus", contra um evolucionista "no princípio o nada", realçou a perspectiva bíblica do Deus Criador de todas as coisas.

Algumas questões, como a autenticidade do relato da criação, ou a sua simbologia, contrapuseram as posições: a Bíblia inspirada por Deus, ou mero relato de várias experiências com Deus?

Digo-vos, com toda a franqueza, que se fôssemos a ver a Bíblia como a viam cada um dos outros intervenientes no referido debate, tal como então afirmámos, não valeria a pena acreditar nela, nem tê-la como referência. Graças a Deus que a Bíblia fala por si mesma da sua autenticidade, inspiração e revelação!

O interesse pelo debate foi tal que as chamadas choeram durante a segunda hora de emissão, e a mesma foi prolongada por mais meia hora, a pedido dos ouvintes.

Foi uma boa oportunidade para apresentar as Sagradas Escrituras como única regra de fé e doutrina, perante a tradição, as ideologias sempre em mutação e os pseudo-inspirados.

No final, ficou um "Agora escolha a quem quer servir": À Palavra de Deus, à tradição, às teorias e doutrinas de homens, ou aos pseudo-profetas?

Daniel Vicente

Pastor das igrejas de Comenda, Nisa e Ponte de Sor

Igreja Adventista de Moura: Um Sonho que se tornou realidade

No dia 14 Dezembro de 1991, com a presença de pastores, autoridades e membros, foi inaugurada a igreja adventista de Moura, no Baixo Alentejo.

Moura é uma cidade simpática, situada na margem esquerda do rio Guadiana. É das cidades mais jovens de Portugal, pois apenas passou a ser cidade em 18 de



Nova sala de Nisa

Dezembro de 1987. Famosa pela qualidade do azeite da região, Moura possui também uma das mais prestigiosas produções de água: Quem não conhece a “Água do Castelo” e a “Água de Pizões-Moura”?

Com cerca de 12.000 habitantes, Moura é uma terra tipicamente alentejana, e a hospitalidade das suas gentes é digna de referência. O seu nome está ligado à história da moura Salúquia. De facto, segundo alguns historiadores, por volta do século XII A.D. deu-se um envolvimento guerreiro entre portugueses e árabes, no qual perdeu a vida o noivo de Salúquia, o que originou o suicídio desta. Em homenagem à princesa, a localidade ficou a ser conhecida como a “Cidade da Moura” e nos nossos dias apenas com o nome de Moura. Os visitantes poderão contemplar, entre outras maravilhas da cidade, os vestígios do antigo castelo, um autêntico poço árabe do século XII e ainda um

monumento em memória da princesa Salúquia.

A inauguração da igreja de Moura é, de facto, um sonho que se tornou realidade. Com efeito, por ocasião da sua passagem por terras alentejanas, já o pastor Manuel Ferro, que tinha à sua responsabilidade não só a igreja de Évora, mas também toda a área abrangida pelos distritos de Beja e Évora, partilhara esse sonho com alguns irmãos de Moura. A nossa Igreja estava então ali representada pelos irmãos Mário Rui Dias Segundo (professor), sua esposa Dra. Helena Arvelos (médica), Maria Mercês Dias, mãe do Ir. Mário, e Natália Dias, cunhada do casal. Sem esquecer os mais novos: O Hugo Arvelos e a Vitória Dias. Por ocasião das suas visitas a Moura, o pastor Ferro, sentindo-se tocado pela receptividade da população à mensagem adventista e deixando-se contagiar pelo entusiasmo dos nossos irmãos, arquitectou com os respon-

sáveis da Obra em Portugal a compra de uma sala que foi agora dedicada a Deus para a pregação da mensagem do Advento. O sonho tornou-se, pois, realidade.

A estima de que desfrutam os nossos irmãos por parte dos seus conterrâneos é particularmente notável. Merece, no entanto, destaque especial o prestígio de que goza a nossa irmã Dra. Helena Arvelos, não só devido à profissão que exerce nesta cidade, mas, principalmente, pelo testemunho cristão que tem dado no desempenho dessa missão. Cabe aqui uma palavra de apreço pela acção que desenvolveu por altura da entrega dos convites para a inauguração da igreja, pois foi graças a ela que pudemos visitar todas as autoridades da cidade, fazendo simultaneamente a nossa apresentação e a entrega dos convites. Merecem também todo o nossos reconhecimento os restantes irmãos e particularmente as nossas crianças pelo empenho manifestado na distribuição dos convites à população.

Nesta festa de inauguração contamos com a presença dos pastores Joaquim Morgado e Juvenal Gomes, respectivamente, presidente e secretário-tesoureiro da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, e ainda com o pastor Manuel Ferro. De todas as

visitas que nos honraram com a sua presença desejamos destacar a presença do Sr. Guilherme Figueiredo, vereador e representante da Câmara Municipal de Moura, o qual usou da palavra para desejar muitas felicidades à igreja adventista de Moura. A sala, com capacidade para 50 pessoas sentadas, estava repleta de visitas e alguns irmãos que vieram de outras igrejas para partilhar connosco esta festa.

Nos serviços religiosos deste Sábado festivo, a lição da Escola Sabatina foi dirigida pelo Pastor Ferro e no culto selene usou da palavra o Pastor Gomes. Fomos então presenteados com uma pequena e significativa cerimónia: a apresentação a Deus do mais jovem membro da comunidade adventista de Moura, o bebé Filipe Dias Arvelos. A cerimónia de dedicação da nova igreja teve lugar da parte da tarde, às 15h e foi dirigida pela Pastor Morgado. Contámos ainda com a colaboração do grupo coral da igreja central de Lisboa e do grupo “Paz” da igreja de Setúbal, que abrilhantaram as reuniões.

Pedimos a Deus que abençoe o Seu trabalho em Moura.

Luis Manuel Lobato Rosa
Pastor da igreja de Moura

Aguardando a Ressurreição

Joaquim de Matos



Com 64 anos de idade, faleceu, no passado dia 31 de Dezembro, o nosso estimado irmão Joaquim de Matos.

Pai das nossas queridas irmãs Maria Manuela, da igreja de Gaia, e de Isabel Maria e Paula Cristina, da igreja de Vila Real, era casado com a irmã Maria de Jesus Vieira, também membro de Vila Real.

O Ir. Matos descera às águas baptismas a 5 de Julho de 1986, juntamente com sua mulher e a filha mais nova. Antes, porém, já se havia baptizado sua filha Isa-

bel Maria, que durante três anos foi professora no nosso Centro de Ocupação de Tempos Livres, em Vila Real. Estamos certos de que o testemunho desta última muito contribuiu para que seus pais e irmãs aceitassem a mensagem do Advento.

Guardamos do nosso irmão Matos a sua imagem sempre alegre e bem disposta, até que de novo, pela graça de Deus, nos encontremos na gloriosa manhã da ressurreição.

À querida família enlutada, expressamos as nossas sentidas condolências.

Mário Brito
Pastor da igreja de Vila Real



Pr. Luis Lobato Rosa, Pr. Joaquim Morgado, Sr. Guilherme Figueiredo, representante da Câmara de Moura, Pr. Juvenal Gomes.



Nova sala de Moura

Croácia: Mais de 10 Igrejas Adventistas Danificadas ou Destruídas

De acordo com informações recebidas da direcção da Igreja Adventista em Zagrebe, mais de dez igrejas, juntamente com outros edifícios e residências de pastores foram destruídos ou danificados durante os últimos meses de guerra na Croácia. Entre estes são referidos os edifícios em Vukovar, Vinkovci, Osijek, Beletovci, Jasenas, Daruvar, Lipik, Gospic, Nova Gradiska, Sisak e Varazdin. Relatórios ainda não confirmados apontam, todavia, para muito mais igrejas danificadas.

Por outro lado, a ocupação de certas áreas ainda não permitiu fazer o levantamento exacto do destino de todos os nossos membros de igreja e dos edifícios da obra adventista nessas regiões.

Os edifícios da Igreja Adventista em Vukovar foram os mais severamente afectados pelos mísseis, granadas e artilharia pesada que atingiram a cidade. A residência de um pastor da localidade ficou também completamente des-

truída e a mesma sorte tiveram os edifícios da igreja em Lipik e Vinkovci.

A notícia mais triste diz respeito a Durdica Senicki, membro da igreja adventista de Daruvar, que morreu instantaneamente, tendo o seu filho, de 16 anos de idade, ficado gravemente ferido, quando uma mina lançada por extremistas sérvios explodiu em frente à sua casa, pouco depois dessa nossa irmã ter regressado da igreja, onde fora em missão humanitária. “É a primeira morte confirmada entre os membros da igreja adventista na Croácia. Recemos que desde que a guerra começou na Croácia haja mais alguns membros cujas vidas não tenham sido poupadas”, declarou Damir Posavac, director de Comunicações da Associação Ocidental da Jugoslávia.

Tihomir Kukolja
Adventistpress, Zagrebe

Aviões Soviéticos levam Alimentos para Luena

A ADRA de Angola está promovendo o transporte de alimentos de primeira necessidade para áreas de Angola até agora isoladas e inacessíveis. Em Agosto do ano passado, um contentor com 12 toneladas de alimentos, provindo da ADRA da Alemanha e constituído principalmente por embalagens de cereais, conservas de peixe, trigo integral e medicamentos, foi transportado do Lobito para Luena, num avião soviético fretado pelas Nações Unidas.

Ronald Kuhn, brasileiro, conseguiu abrir um escritório da ADRA em Angola, o qual partilha com a AFRICARE e outras organizações de beneficência. Ele acha que nesta área, “a chave do êxito é uma estreita colaboração com outras organizações.” E tal cooperação está já dando resultados: Quando terminou a guerra entre o MPLA e a UNITA, a Fe-

deração das Igrejas Luteranas foi quem providenciou o transporte de um lote de mercadorias necessárias à Igreja Adventista do Sétimo Dia do Leste de Angola, que, desse modo, fez chegar a Luena um carro, 4 bicicletas a motor, roupas, livros e medicamentos, os quais constituíram uma boa ajuda para a nossa obra naquele lugar.

Ronald e sua mulher Jacqueline, juntamente com um outro irmão que se encarrega do armazém da ADRA, estão a trabalhar em Angola desde Fevereiro de 1991 e já tinham trabalhado antes cinco anos em África. A sua missão é receber as encomendas que lhes chegam dos centros adventistas da América e da Europa, e encaminhá-las depois para diversos projectos, tais como:

— Distribuição de roupa, especialmente aos desalojados da guerra.

— Distribuição de alimentos, principalmente em áreas isoladas (devido à destruição de pontes e estradas), trabalho que é muitas vezes feito em colaboração com os “Médicos sem Fronteiras”.

— Distribuição de medicamentos e material médico e, eventualmente, cooperação na reconstrução do Hospital Adventista do Bongo. Assim, enquanto outras organizações no mundo conse-

guem prover essa assistência, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, com 126.000 membros baptizados, e que é a segunda igreja cristã maior em Angola, está procurando fazer chegá-la ao povo que dela necessita.

Ronald Stradowsky
Director de Educação
e Família da DEA

África Revisitada: Marcas de Guerra e de Amor

Nestes dias em que os olhos do mundo inteiro se fixam nas notícias que nos chegam do ex-bloco comunista, quase passou despercebido o facto de dois regimes comunistas africanos terem concedido liberdade religiosa às suas populações: Angola e Moçambique. Mas que diferença isso faz para os 126.000 Adventistas de Angola e os 65.000 de Moçambique!

Agora os jovens adventistas podem guardar o Sábado sem ter problemas na escola e no trabalho. As propriedades das igrejas estão-lhes sendo devolvidas e é possível fazer evangelização em todos os lugares onde a paz, finalmente, voltou. “Já temos paz há 120 dias”, dizia o irmão Artur quando, por ocasião da minha visita, me foi esperar ao aeroporto de Luanda. E, de facto, pela primeira vez após 15 anos de guerra, pudemos viajar sem o risco de uma

emboscada. Havia também milhares de pessoas que viajavam pelas estradas, em camiões abertos, em direcção ao sul e ao leste.

Marcas de Guerra e de Amor

Ainda há muitas marcas de guerra em Angola, como, por exemplo, os buracos feitos pelas balas na parede de uma sala de aulas no nosso seminário do Huambo. Mas ao longo de anos difíceis, o seminário conseguiu ir preparando pastores, catequistas e secretárias. Dormiam em caves fechadas, onde eram demasiados para o espaço disponível. Não tinham água corrente e só dispunham de electricidade à noite.

Entre os professores de teologia conta-se Walter Cornejo, da Bolívia. Foi para Angola há dois anos, quando aquela área era ainda de grande risco. Ele e sua mulher Elisabete, que ensina secre-





tariado, tiveram muitas vezes que se esconder ou ficar deitados no chão durante horas até que um qualquer combate perto cessasse. Pergunto-me se esses dias de perigo terão deixado alguma marca na alma do pequeno Bryan, seu filho, de 4 anos de idade. Todavia, ele parece uma criança feliz, amável até para pessoas estranhas como eu! Mesmo agora é ainda difícil ser missionário no Huambo: não há dentistas, nem médicos, e o supermercado tem apenas alguns poucos produtos. Não há outros missionários em centenas de quilómetros ao redor. Há, certamente, solidão, pois a maioria dos missionários gosta de viver em grupos.

Mas marcas bem mais positivas foram as que deixaram as dádivas enviadas pelos nossos irmãos da Alemanha de Leste, quando há alguns anos enviaram

para Angola dois camiões IFA, uma ambulância, máquinas de costura e de escrever. E além do mais proveram gratuitamente instrução teológica a nove adventistas angolanos, quatro dos quais trabalham agora no Huambo.

O Ir. Augusto Artur é um deles. Cresceu numa das regiões mais secas e pobres de Angola. Quando se encontrava na Alemanha, arranjou centenas de slides e agora, com um gerador portátil, promove a evangelização de vilas e aldeias da sua terra, tendo já realizado cerca de 600 destas reuniões. E não esquece a maneira como foi recebido em Friedensau, Lubeque e Berlim. Actualmente, como secretário da "Missão Adventista", ele tem oportunidade de viajar por toda a Angola e é um dos que procuram ajudar a sarar as feridas da guerra. Um dos seus tesouros, que fez



questão de me mostrar, é a fotografia do antigo hospital adventista do Bongo, que vai ser reconstruído.

Por ocasião do congresso de Luanda, em que 12.000 jovens estiveram presentes, eles ouviram com o maior interesse o relatório de um presidente de missão sobre as tribos do sul que agora iam poder ser alcançadas com o Evangelho. E quando Ronald Kuhn, do Brasil, lhes falou de que as remessas de alimentos da ADRA iam ser transportadas por aviões soviéticos, ouviu-se um estrondoso "Amém".

De facto, Ronald, hoje com 28 anos, foi estudante missionário durante um ano e a seguir começou a trabalhar para a ADRA no norte do Sudão, na perfuração de poços artesanais e na distribuição de alimentos aos Beduínos. Quatro anos mais tarde, sempre em África, começou a organizar o auxílio da ADRA em Angola e ali vive feliz com sua mulher, mantendo relações de amizade com pessoas de todas as raças e com outras instituições de auxílio humanitário, como a AFRICARE e os "Médicos sem Fronteiras".

Enquanto em Angola o trabalho da ADRA está apenas começando, em Moçambique ele está já em pleno desenvolvimento, ajudando milhares de pessoas vítimas da situação de guerrilha que ainda ali se vive. A ADRA tem mantido em Moçambique um fluxo contínuo de auxílio, transportando e distribuindo alimentos e roupas, que recebe das organizações adventistas de outros países, às populações de necessidade.

Missão Global

A Igreja Adventista deseja iniciar o trabalho em dez províncias assim que terminar a guerra em Moçambique. Está já a ser ministrada uma nova espécie de ensino pastoral no nosso centro educacional da Beira. Durante os últimos 15 anos, estabeleceu-se ali um seminário, juntamente com um centro de treino agrícola. Há sempre missionários ou estudantes-missionários estrangeiros na Beira, porque no país não há muitos adventistas com treino adequado

neste domínio e o centro pretende, precisamente, formar elementos locais. Um dos mais bem conhecidos peritos estrangeiros em agricultura é Hugentobler, que antes de voltar à Suíça, seu país natal, transformou um simples pomar de escola numa grande e florescente empresa agrícola.

Em Moçambique, tal como em Angola, os governos têm-se mostrado amáveis para com as igrejas cristãs, e isso faz destes dois países ótimos campos de evangelização. Até que ponto continuará o desenvolvimento evangelístico que hoje ali se constata, isso será determinado por Deus e o Seu Espírito, mas também pelas prioridades que os dirigentes se estabelecerem. Como já tem acontecido na história das missões cristãs, às vezes a igreja fica tão absorvida com os assuntos e problemas internos que perde de vista a sua missão em relação ao exterior. Instituições como tipografias, hospitais e escolas estão presentemente a ser permitidas e até encorajadas. Mas irão as instituições absorver todos os fundos e energias?

Por outro lado, uma escola secundária não seria nenhum luxo num país como Moçambique, em que é quase impossível encontrar candidatos aos estudos teológicos de Friedensau, pois muito poucos terminam o liceu ou os 12 anos de escolaridade.

Revisitando África 20 anos depois, constato claramente que houve progresso em muitos sectores, durante os últimos 15 anos. Mas, enquanto a Igreja Adventista na África Oriental procura financiar uma pequena universidade, na Beira não conseguimos encontrar sequer docentes para um seminário rudimentar e há o receio (justificado!) de que o ciclo de quatro anos de estudos, que começa sem um diploma liceal, possa, mesmo assim, ser demasiado sofisticado para a tarefa que nos espera, de penetrar nas áreas rurais de Moçambique, assim que a guerra terminar, tal como aconteceu em Angola.

Ronald Strasdowsky
Director de Educação e Família
da DEA

Envolvimento da ADRA em Moçambique

1. Em Julho do ano passado, a ADRA-Moçambique assinou com o Governo de Moçambique um acordo individual para o programa "Alimento para a Paz" (Food-for-Peace). Este protocolo autoriza a ADRA a importar alimentos e outros materiais de primeira necessidade livres de quaisquer direitos aduaneiros.

2. Durante os últimos dois anos e meio, foram importadas e distribuídas em Moçambique 11.000 toneladas de alimentos de emergência e foi isso que manteve em vida 34.600 pessoas na província de Inhambane.

3. Foram também distribuídas roupas, pessoais e de cama.

4. Em Junho de 1989, 2 escolas, 4 poços e 80 Km de estradas foram arroteados e reabilitados. Mais de 100.000 pessoas beneficiaram deste programa.

A ADRA forneceu também 207 toneladas de sementes, 5.000 enxadas, 2.000 pás de ferro e 5.000 machados.

5. Em 1991, a ADRA estabeleceu como objectivo contribuir para a construção ou reabilitação de 3 escolas, 4 centros de saúde, 25 peças e 250 Km de estradas.

Presentemente, estamos a trabalhar em colaboração com os "Médicos sem Fronteiras" da Bélgica e Holanda para prover alimento aos pacientes do Hospital Distrital de Vilanculos (uma média de 375 pessoas por mês).

6. O plano trienal 1991-1993 inclui a distribuição de 350 toneladas de sementes a cerca de 500.000 pessoas. O que equivale a 55% da população da província de Inhambane.

Peter Kunze
ADRA-Divisão Euro-africana

Associação Santomense dos Adventistas do Sétimo Dia

Notícias recebidas de São Tomé referem que a reestruturação da Igreja naquela República prossegue a bom ritmo, e que os nossos irmãos se encontram animados, tendo estabelecido vários planos para o avanço da Mensagem naquele campo.

Na segunda assembleia administrativa da Associação Santomense dos Adventistas do Sétimo Dia, que teve lugar em Julho do ano passado, os irmãos Manuel Espírito Santo e Manuel Sacramento Afonso das Neves foram reeleitos nos seus cargos de presidente e secretário-tesoureiro, respectivamente. A Associação Santomense possui agora um quadro executivo e de departamentais locais.

Entre os muitos planos elaborados e que estão já a ser implementados, o maior destaque vai para a penetração de novas zonas do território, no âmbito do programa mundial de Missão Global.

E São Tomé escolheu dois distritos para esta sua acção: Caué e Cantagalo.

No plano evangelístico, os esforços centram-se no trabalho individual e vai procurar levar-se o Evangelho a todos: habitantes e cooperantes (estrangeiros que trabalham em S Tomé ao abrigo de convenções especiais), às classes alta e média, bem como ao povo.

A igreja de São Tomé tem grande preocupação com os jovens e deseja preparar pessoas que possam lidar competentemente com este grupo etário. Mas a formação de membros e visitas também está patente na implementação que vai ser dada aos diferentes seminários instrutivos e evangelísticos, pois os dirigentes aponham a conservação dos membros nas igrejas como um aspecto igualmente prioritário na sua acção.

A despeito das grandes dificuldades que a igreja enfrenta naque-

le país, motivadas pelas condições sócio-políticas, o ânimo dos crentes e dirigentes é bastante elevado e, como dizem, estão prontos "a evangelizar e não se deixarem afundar nos cuidados da vida".

Auxílio às Igrejas de São Tomé e Príncipe

No segundo semestre de 1991 foi enviado para as igrejas adventistas das ilhas de São Tomé e Príncipe um contentor de seis toneladas, contendo alimentos, uma tonelada de roupa, medicamentos, e outros artigos necessários, co-

mo cadeiras de rodas, etc. Entre os alimentos destacamos: 1000 kg de arroz, 500 kg. de flocos de aveia, 1000 kg de feijão, 1000 kg de leite em pó.

Tratou-se de uma colaboração conjunta da ADRA Internacional e da União Portuguesa, cujo valor ascendeu a mais de Esc. 2.500.000\$00

Esperamos que este envio possa ter sido de auxílio para os irmãos carenciados daquelas igrejas.

Joaquim Morgado
Presidente da União Portuguesa

EM FOCO

Ex-Capitão do «Bolama» é adventista: substituição feita pela empresa evitou que fosse envolvido no terrível naufrágio

António Cabral Avelino, natural de Bissau, república da Guiné-Bissau, é membro da Igreja Adventista da Guiné-Bissau. Esteve presente na igreja de Aveiro, no Sábado, 15 de Fevereiro, onde deu testemunho da sua experiência no navio «Bolama», e como Deus orientou os acontecimentos de modo a preservar a sua vida.

Efectivamente, e como toda a imprensa noticiou, o Bolama naufragou na costa portuguesa, tendo morrido toda a sua tripulação. Mas o nosso irmão não se encontrava a bordo, pois já não era o seu capitão. A empresa tinha-o substituído e dera-lhe o comando de um outro navio, e isso salvou-o de partilhar o horrível destino dos seus companheiros.

Muitas vezes não compreendemos os desígnios do Senhor, mas de uma coisa podemos sempre ter a certeza:

Ele é poderoso para salvar os Seus filhos e escolhe o que é melhor para eles. A igreja de Aveiro louvou a Deus pela protecção dispensada a este nosso irmão.

A Igreja Adventista da Guiné-Bissau tem mais de 100 crentes. O Ir. António Avelino foi baptizado nesta igreja em 19 de Agosto de 1990, tendo conhecido a mensagem adventista em Março desse mesmo ano.

Expressamos ao nosso irmão, capitão do navio Julie Colombe, ao serviço da Guiné-Bissau, os melhores votos de que o Senhor o acompanhe na sua nova responsabilidade e que se for da Sua vontade, continue a guardá-lo de todos os perigos.

Alberto Nunes
Departamento de Comunicações da União Portuguesa

Do Paraguai para Moscovo

Para quase toda a gente, e durante durante muitos anos, os territórios da União Soviética, que são hoje uma Comunidade de Estados Independentes, mais não eram do que uma vasta extensão de terra quase desconhecida. Mas agora, pouco a pouco, vamos podendo conhecer estes países, as suas gentes e os seus costumes. E vamos também podendo saber como vai a obra do Senhor naquela que é hoje a Divisão Euro-Asiática.

O território desta Divisão abarca aquele que antes era ocupado pela ex-União Soviética, ou seja, a sexta parte da superfície seca da terra, algo um pouco superior a 22.400.000 quilómetros quadrados [umas 252 vezes e meia mais do que Portugal]. Tem cerca de 12.500 quilómetros de comprimento e mais de 6.000 de largura, e as suas fronteiras ultrapassam os 64.000 quilómetros.

A sua população é de cerca de 290 milhões de habitantes, havendo só em Moscovo mais de 10 milhões.

Como se sabe, a maioria dos estados agora independentes possui a sua própria língua, e algumas não são exactamente eslavas, como, por exemplo os moldavos, cuja língua é de origem latina; os turkménios, de origem árabe; os kirguices, de origem oriental; os lituanos, arménios, uzbekos e outros povos

espalhados por diferentes áreas, como judeus e alemães. Estes povos utilizam os russo como segunda língua oficial. Todavia, mantêm o seu idioma e cultura nacionais. Daí que o próprio papel-moeda, cuja unidade é o rublo, tenha o seu valor escrito em 14 idiomas, e se utilizem os alfabetos das respectivas nacionalidades.

Foi no princípio de Novembro de 1990 que minha família e eu viemos de Assunção, no Paraguai, para trabalhar na Rússia. O apelo foi-nos feito pela Conferência Geral na sessão mundial de Indianápolis.

Entre o Paraguai e os territórios que hoje se designam como Comunidade de Estados Independentes, particularmente a Rússia, há imensas diferenças: o tamanho (o Paraguai é 55 vezes mais pequeno), o clima (no Paraguai é predominantemente quente e na Rússia o que predomina é o frio), as tradições populares, a língua e um sem-número de outros aspectos em que existem enormes contrastes. Todavia, encontramos também algumas semelhanças. O povo de Deus é igual em toda a parte: jovial, atento, cooperador e alberga no seu coração a mesma bem-aventurada esperança.

Um pormenor que desde logo chamou a nossa atenção foi o facto de na secção "Motivo da viagem", do visto dos nossos



passaportes, as autoridades terem escrito o seguinte: "Para tratar de assuntos religiosos". Há bem poucos anos, isso teria sido impossível.

Todos nós estamos descobrindo pouco a pouco alguns aspectos dos progressos e mudanças relacionados com a Igreja Adventista.

Seminário de Teologia

Quando chegámos, instalámo-nos em Zaoski, aldeia que dista 110 quilómetros de Moscovo. Zaoski é por agora o centro da obra adventista neste vasto campo. Aqui funciona o Seminário Teológico Adventista e também, provisoriamente, a sede da Divisão Euro-Asiática.

No preciso local em que agora existe o nosso Seminário existiu uma escola estatal que há alguns anos sofreu um grande incêndio. O Governo doou à nossa igreja esta estrutura de três andares, sem paredes nem escadas, para que nela instalássemos o Seminário que pretendíamos ter na Rússia e que de facto seria o primeiro na história da igreja na então ainda União Soviética.

A Igreja Adventista lançou-se ao trabalho. Reuniu os esforços de todos e organizou brigadas de trabalho de leigos e pastores para realizarem os trabalhos da construção no período das suas férias. Durante os anos de 1987 e 1988 trabalharam intensamen-

te e conseguiram levantar sobre essas ruínas um edifício de quatro andares, que hoje alberga os alunos internos de teologia, as salas de aula, a biblioteca, os escritórios e a cozinha. Numa ala foi igualmente construída uma igreja para 150 pessoas. E no mesmo terreno foi erigido um outro edifício de quatro andares com 16 apartamentos. Num deles vivemos nós.

Zaoski é uma povoação pequena, de uns seis mil habitantes, mas conta com os serviços essenciais: luz, água, gás, telefone. Não muito distante do Seminário, a igreja adquiriu um terreno de cultivo de cerca de 25 hectares, no qual trabalham os seminaristas para custear parte dos seus estudos. Construiu-se ali um depósito de água e está já em vias de acabamento a construção de uma câmara frigorífica para a conservação de frutas e legumes, bem como um local onde proceder à sua embalagem.

É digno de referência o facto de esta pequena horta e pomar serem considerados um modelo nesta zona. Efectivamente, há muitas delegações estatais que realizam excursões para visitar as instalações agrícolas adventistas. Até aqui o Senhor nos tem abençoado.

Basílio Zawadzki

Tesoureiro-adjunto da Divisão Euro-Asiática

